

ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO E TERRITÓRIO NA FENÍCIA NA IDADE DO FERRO: CIDADES E NECRÓPOLES

Adriana A. Ramazzina¹

RESUMO: O texto pretende oferecer um panorama das pesquisas arqueológicas no território da Fenícia na Idade do Ferro, sítio por sítio, sumarizando o que se conhece das cidades fenícias e de suas necrópoles a partir dos achados arqueológicos e das pesquisas sistemáticas recentemente desenvolvidas.

PALAVRAS-CHAVE: Fenícia – Necrópoles – Território – Cidades – Idade do Ferro

ABSTRACT: This paper aims to offer an overview of the archaeological research that has been developed in the Phoenician territory focusing in Iron Age remains, site by site, summarizing what we already know about the cities and their cemeteries from archaeological finds and recent systematic research.

KEYWORDS: Phoenicia – Cemeteries – Territory – Cities – Iron Age

A problemática dos estudos fenícios

De várias maneiras, os fenícios podem ser considerados uma civilização perdida. Suas histórias e mitologias, detalhadamente registradas em rolos de papiro se perderam totalmente (Markoe 2000, 11). De fato, é uma grande ironia que o próprio povo responsável pela transmissão do alfabeto ao Ocidente tenha deixado um legado escrito tão pequeno, restrito a algumas inscrições cultuais ou funerárias. Então, pela ausência, nossa história dos fenícios deve se basear em testemunhos esparsos de outros povos, apesar de seu caráter fragmentário e na maioria das vezes negativamente tendencioso, e, principalmente, num corpo cada vez maior de evidência arqueológica.

Desde as primeiras iniciativas com a missão francesa Renan (1864-1874), até os trabalhos realizados nas décadas de 1960 e 1970, verificou-se que pouquíssimo dos trabalhos arqueológicos havia sido publicado. Até meados da década de 1990, nossos conhecimentos dos vestígios fenícios da Idade do Ferro (Fig. 1) estavam limitados aos resultados das escavações de Sarepta (Anderson 1988, Khalifé 1988), e à sondagem limitada realizada por P. Bikai na ilha de Tiro

¹ Pós-doutora em Arqueologia do Mediterrâneo antigo, especialista em estudos fenício-púnicos. A temática discutida neste texto dá continuidade à pesquisa de pós-doutorado desenvolvida no Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga – Labeca, entre 2009 e 2011, financiada pela FAPESP. aramazzina@yahoo.com

(Bikai 1978). Sem eles, “nossa ignorância dos aspectos físicos das cidades metropolitanas da Fenícia seria total.” (Sader 2006, 30 e segs.)

Esse quadro sombrio só começaria a mudar na década de 1990, com o início das escavações do centro da cidade de Beirute e com as escavações da necrópole fenícia de Tiro El Bass² (Aubet 2004) e de Tell Burak (Finkbeiner-Sader 2001; Kamlah-Sader 2003). “A arqueologia fenícia no Líbano realizou, no curso dos dez últimos anos, mais progressos que em um século de pesquisa” (Sader 2006, 31), cujos resultados formam uma base de dados substancial³ para o estudo da sociedade fenícia. De fato, as escavações de Beirute e de Tell Burak forneceram um volume enorme de informações sobre a cidade fenícia, suas fortificações e sua arquitetura doméstica, enquanto as escavações de Tiro el Bass possibilitaram, pela primeira vez, uma análise contextualizada das tradições funerárias dos fenícios do Oriente.

Antonia Ciasca (1997, 173) cunhou a expressão ‘período fenício de independência’ (séc. XI-VIII a.C.), bastante pertinente no que se refere a esta fase crucial da civilização fenícia, marcada pela autonomia relativa às potências vizinhas (Egito e Mesopotâmia), pelo florescimento de sua civilização principalmente em seus aspectos culturais, religiosos políticos e econômicos, e pelo início da expansão marítima comercial e colonial para o Mediterrâneo ocidental. É esse período que nos interessa aqui, a Idade do Ferro, fundamentalmente a Idade do Ferro Antiga (1150 – 900 a.C.) e a Idade do Ferro Média I (900 – 725 a.C.) e II (725 – ca. 550 a.C.). É o momento em que se destacam determinados elementos culturais considerados chave para a diferenciação e o surgimento da autônoma civilização fenícia a partir de cerca de 1200 a.C.: a invenção e a difusão do alfabeto, o surgimento de novas figuras divinas em comparação com o período anterior, a determinação de novos elementos linguísticos no complexo desenvolvimento das línguas faladas na área, e a maior incidência da componente egípcia na produção artesanal (Moscati 1997, 19). A civilização fenícia, então, surge entre continuidade e inovação.

² As escavações da necrópole de Tiro vêm sendo realizadas desde 1997 pela equipe dirigida pela Profa. Ma. Eugenia Aubet, da Universidade Pompeu Fabra de Madri. Os resultados das campanhas iniciais foram publicados em: M.E. Aubet (ed.), *The Phoenician Cemetery of Tiro-El Bass: Excavations 1997-1999. BAAL Hors-série* 1, Beyrouth, 2004.

³ Acrescente-se a essa massa documental as primeiras e recentes publicações do cemitério fenício de Akhziv, Dayagi-Mendels 2002 e Mazar 2004, escavado na década de 1940.

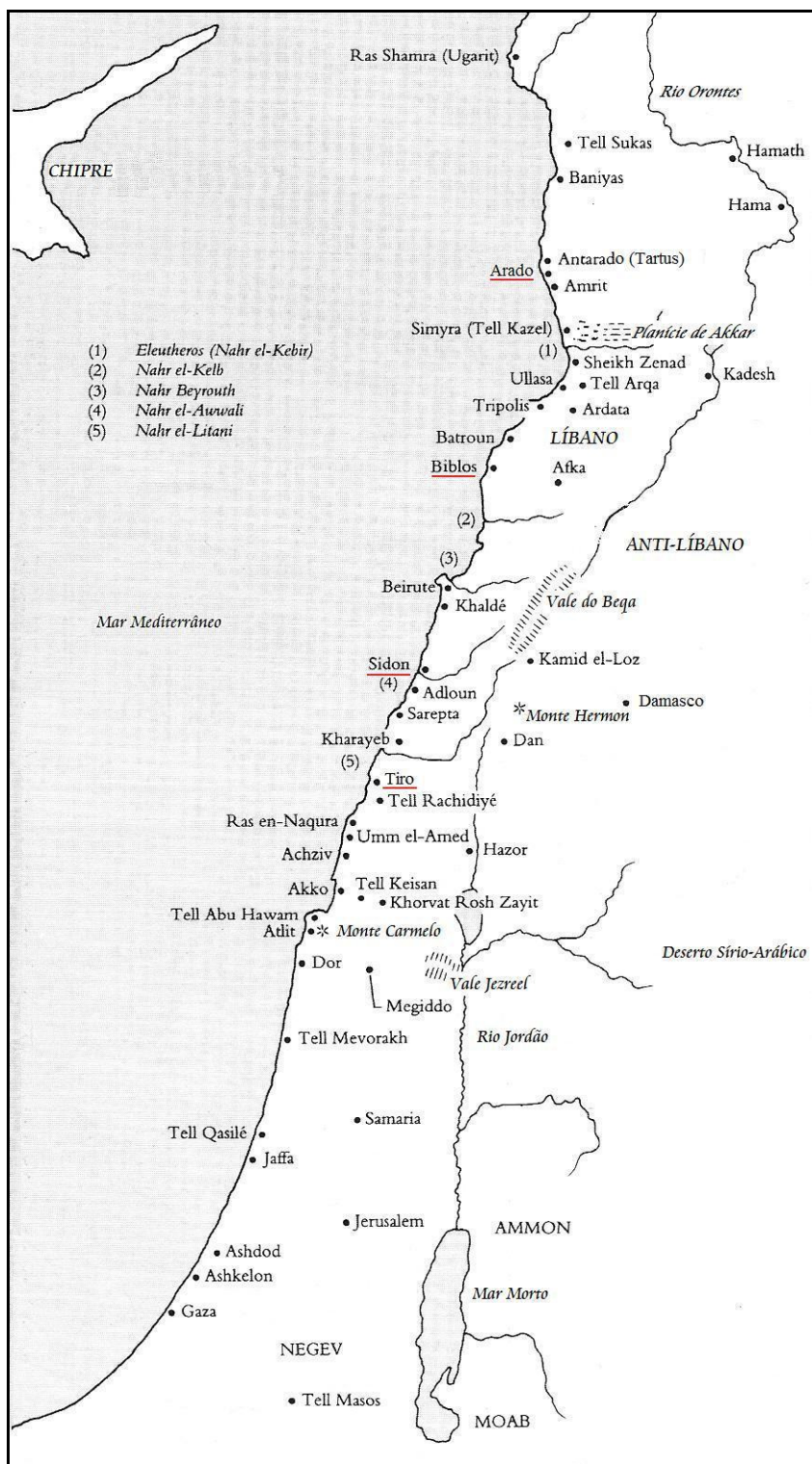


Fig.1. Mapa da costa levantina com indicação dos principais sítios fenícios.

Delimitação geográfica

Os fenícios, de origem semita-cananeia, habitaram as cidades que se encontravam ao longo da costa sírio-palestina (Fig. 1). Na verdade, como “Fenícia” podemos considerar a porção central dessa área, consistindo de uma

estreita faixa costeira entre as montanhas do Líbano e o mar Mediterrâneo, se estendendo do norte da Palestina ao sul da Síria – uma versão um pouco mais extensa do Líbano moderno – em torno de 320 km. As suas quatro cidades mais importantes eram Arado, Biblos, Sidon e Tiro.

Podemos localizar os principais sítios fenícios na costa do Levante entre Arado, ao norte, e o Monte Carmelo, ao sul.

Ao mesmo tempo em que podemos discutir os limites dos assentamentos fenícios em seu território, a heterogeneidade das regiões fenícias, por outro, é indiscutível. A característica geográfica de faixa que a Fenícia apresenta não é homogênea. Entre o mar Mediterrâneo e as Montanhas do Líbano, essa faixa de terra pode variar de 50 km de largura a virtualmente nada, nos locais em que promontórios escarpados constituem avanços da cadeia montanhosa até o mar. Além de eliminar trechos de terra disponíveis, esses avanços, como obstáculos naturais na paisagem, dificultavam a circulação por terra no eixo longitudinal, o que, para Moscati (1997, 20), favoreceu a ligação marítima no território fenício.

As cidades fenícias na Idade do Ferro

Quase todos os assentamentos fenícios compartilhavam de um número de características físicas comuns. Com poucas exceções, eles eram assentamentos compactos, geograficamente definidos, situados na costa ou junto dela em posições navegáveis, facilmente defendidas. Ilhas, penínsulas e promontórios constituíam os locais favoritos. Como estabelecimentos comerciais, quase todos estavam localizados junto a ancoradouros protegidos – em baías ou portos naturais, lagunas ou estuários fluviais.

A paisagem da costa fenícia se modifica sensivelmente na passagem da Idade do Bronze Final para a Idade do Ferro Antiga, segundo as fontes escritas,⁴ de uma região pontuada de cidades por toda a costa subdivididas em diversas regiões – podendo chegar a oito segundo Sader (2000, 230) – a uma região dividida entre quatro cidades-estados ou territórios, os de Arado (Arwad) na Fenícia Setentrional, Biblos na Fenícia Central, Sidon e Tiro na Fenícia Meridional. A partir de meados do séc. IX a.C. até a época persa, são apenas essas quatro cidades que continuam a ser mencionadas nos textos. Elas passam

⁴ As fontes escritas que nos fornecem diversos dados sobre as cidades fenícias e seus territórios na Idade do Bronze Recente são as cartas de El Amarna.

a controlar várias cidades e vilas menores e a centralizar funções políticas e comerciais de seus territórios.

Arado

Na Fenícia Setentrional, a cidade de Arado (Fig. 1) domina a região. Seu território junto da planície de Akkar localiza-se nos confins entre o Líbano e a Síria, é dividido pelo rio Nahr el-Kebir, o antigo Eleutero, e possui ampla planície costeira.

A cidade de Arado, moderna Arwad, situa-se numa ilha com cerca de 40 ha, a maior das quatro cidades-estados fenícias, e dista 2,5 km da costa. Nenhum vestígio fenício da Idade do Ferro foi encontrado até então. Arado tinha uma cidade complementar no continente, Antarado, a Tartus fenícia.

Dos assentamentos fenícios dentro da órbita de Arado se destacam Tell Kazel, identificada com a antiga Simyra ou Sumur,⁵ Tell Arqa e num segundo momento Tripoli.

Tell Kazel localiza-se na margem esquerda do rio Nahr el-Abrash, a cerca de 15 km ao norte do Eleutero e distante 3,5 km do mar, para o interior, e produziu níveis arqueológicos da Idade do Ferro Antiga, apesar de ainda inéditos.⁶

Tell Arqa era centro satélite de Tell Kazel. Ambas formavam um dos grandes *tells* da planície de Akkar próximo à depressão de Homs, uma passagem estratégica de comunicação entre a costa e o interior sírio.

Ocupada provavelmente desde o III Milênio, Tell Arqa é destruída por Tiglat Pileser III em 740 a.C. Identificada como a antiga Arqata, localiza-se a 12 km para o interior, situada numa colina da planície de Akkar, ao sul do rio Nahr el-Kebir, a 20 km ao norte de Tipoli. O *tell* tem mais de 30 m de altura e aproximadamente 12 ha de área. Tell Arqa é ocupada intensamente no período do Ferro Médio (fim do séc. IX a início do séc. VII a.C.) e são desse período os

⁵ A cidade é citada por Tutmosis III nas cartas de El Amarna.

⁶ Aguarda-se a publicação sistemática dos achados da Idade do Ferro, apesar de dispormos de notícias preliminares, como em Badre, L.; Gubel, E.; al-Maqdissi, M.; Sader, H. 1990, "Tell Kazel, Syria. Excavations of the AUB Museum, 1985-1987. Preliminary Reports", *Berytus* 38, pp.9-124, 1990. Badre, Leila., Tell Kazel. Rapport Préliminaire sur les 4ème-8ème Campagnes de Fouilles (1988-1992), *Syria* 71, pp.259-359, 1994. Badre, L. and Gubel, E., Tell Kazel, Syria. Excavations of the AUB Museum, 1993-1998. Third Preliminary Report, *Berytus* 44, pp.123-203, 1999-2000.

vestígios de uma necrópole fenícia na periferia da cidade escavada entre 1975 e 1981, com incinerações⁷ datáveis do séc. VII ao V a.C.

Dois conjuntos funerários são descritos por Thalmann (1983), compostos cada um por uma sepultura em fossa com incineração deposta no fundo acompanhada de mobiliário funerário, e por uma segunda fossa localizada nas proximidades imediatas da primeira, contendo cerâmica fortemente concretada e deformada pelo fogo, certamente a área de incineração correspondente à sepultura.

O mobiliário é fundamentalmente cerâmico, com exceção de uma espada de ferro. O material cerâmico é de caráter local, de repertório limitado de formas e decoração, com ausência quase que total de cerâmica de importação. A cerâmica é grosseira e a técnica de decoração restringe-se à aplicação de engobo vermelho. As formas mais comuns são taças, marmitas, *cooking-pots* e ânforas em saco, que aparecem no repertório de Tiro. Assinala-se a ausência quase total de outras formas de cerâmica fina, como as conhecidas bilhas, das quais temos apenas alguns fragmentos de alças e bicos.

Tripoli surge no séc. VIII a.C. e é refundada no período persa por Arado, Sidon e Tiro (daí seu nome, *tri-polis*), num promontório com duas enseadas. Tem papel de destaque no período persa.

Biblos

Na Fenícia Central, a cidade de Biblos (Fig. 1) domina uma região que apresenta um estreitamento da planície costeira e a presença de elevações junto ao litoral, favorecendo atividades ligadas aos portos (comércio marítimo), à montanha (extração de cedro) e ao terraçamento das encostas para o cultivo (Oggiano 2009, 21).

Antiga Gubal, Biblos surge num promontório de cerca de 5 ha delimitado ao norte e ao sul por dois pequenos cursos d'água, a cerca de 37 km ao norte de Beirute. Segundo Eusébio de Cesareia (*Praep. Ev.*, I, 10, 19), Filon de Biblos afirmou que Biblos era a cidade mais antiga da Fenícia, ocupada desde o Neolítico.

A cidade teve um papel importante nos contatos entre o Egeu e a Mesopotâmia no II Milênio, quando estava sujeita ao Egito. Torna-se autônoma

⁷ Thalmann 1983, 217; Markoe 2000, 204; Aubet 2001, 61-62.

no fim do II Milênio. A área conservada do assentamento tem cerca de 5 ha de extensão e é limitada a leste por bancos de rocha calcária inclinados levemente para o mar. O mais antigo assentamento em Biblos é datado por radiocarbono de 7000 ± 80 AP. Todavia, pouco se sabe da cidade ou das áreas funerárias da Idade do Ferro, além de poucos fragmentos cerâmicos esparsos (datados dos séc. IX-VII a.C.), encontrados na necrópole K da cidade. Não há a menor possibilidade de se elaborar uma hipótese confiável a respeito da ocupação dessa necrópole na Idade do Ferro a partir dos dados disponíveis (Salles 1994, 53-54). As tumbas da Idade do Ferro, como o assentamento desse período, se encontram em outro lugar, ainda desconhecido. A única exceção é a tumba V da necrópole real de Biblos (fim do II Milênio a.C.): a tumba do rei Ahiram.

Após um longo debate relacionado à tumba de Ahiram, chegou-se à conclusão que ela pode ser datada de cerca de 1000 a.C. Foi escavada em 1923, junto a outras oito tumbas, todas em câmara escavadas na rocha com acesso em poço, na acrópole. A tumba V continha três sarcófagos monolíticos, todos violados. O sarcófago de Ahiram⁸ é o mais antigo e célebre sarcófago fenício. Alguns autores o datam do séc. XIII-XII a.C., enquanto outros argumentam que a inscrição que ele apresenta é mais tardia. Tem a forma de paralelepípedo e é todo decorado, inclusive sua tampa. Há cenas de procissão nos lados longos, e carpideiras nos lados curtos. Na tampa há dois leões e duas figuras humanas que portam uma flor de lótus (Moscati 1997, 355) cada. Além da inscrição em fenício na tampa do sarcófago, em nome do filho de Ahiram, há outra na parede superior do poço de acesso à câmara funerária com mensagem de aviso aos profanadores. O último enterramento da tumba V é datado do séc. IX, e entre os objetos mais antigos encontrados, há um vaso de alabastro com o nome de Ramsés II (1301-1234 a.C.) (Ciasca 1997, 173).

Dentro do território de Biblos estão os assentamentos fenícios de Beirute e de Khaldé (Fig. 1).

A Beirute fenícia surgiu sobre a Biruta do II Milênio, numa península rochosa na foz do rio Nahr Byrout. Conhecida pelas fontes egípcias e ugaríticas, só volta à cena no período helenístico.

⁸ O Museu de Arqueologia e Etnologia da USP possui uma cópia deste sarcófago em gesso, presenteada na década de 1960 pelo governo do Líbano.

As escavações arqueológicas no centro de Beirute se desenvolveram em larga escala no momento da reconstrução após o fim da guerra civil e ocorrem até hoje em dia, no maior canteiro arqueológico urbano conhecido (Oggiano 2009, 28-32). Muitos dados sobre a cidade da Idade do Ferro estão surgindo e vêm sendo publicados sistematicamente, referindo-se a edifícios públicos, templos, palácio, fortificações, área portuária e necrópoles.

Khaldé, localizada a 10 km ao sul de Beirute, foi um centro habitado identificado por alguns pesquisadores como a Hildua dos Anais sírios. Desse sítio temos o importante achado de uma necrópole, com cerca de 422 sepulturas datáveis entre o séc. X e o fim do VIII a.C.

Nas margens da moderna autoestrada que liga a capital do Líbano a Sidon, localizam-se no local chamado Kobbet Choueifat dois promontórios que ficam em média a 10-15 m acima do nível do mar. Esses promontórios, cortados atualmente pela autoestrada, estendem-se de norte a sul por 500 m, entre os quais se situa uma pequena baía exposta a oeste (Saïdah 1966, 51). A área em questão é contígua ao Aeroporto Internacional de Beirute, e devido a obras de construção do muro circundante ao aeroporto as sepulturas foram encontradas.

O cemitério de Khaldé é de grande importância no quadro das necrópoles da Idade do Ferro na Fenícia devido à sua extensão física e período de uso. O relatório preliminar de R. Saïdah nos informa sobre 191 delas, mas sua morte postergou a conclusão e a publicação definitiva dos achados, que em boa parte ainda permanecem inéditos. Os níveis greco-persa (II) e romano-bizantino (I) foram completamente arrasados pelas máquinas durante a construção da estrada, apenas o nível fenício foi parcialmente poupado. As sepulturas foram encontradas em dois níveis, III e IV. No nível III, com espessura entre 10 e 20 cm, as sepulturas consistiam de um esqueleto deposto numa fossa na areia, mais comumente revestida de lajes, junto com um mobiliário mais ou menos abundante consistindo principalmente de cerâmica. No nível IV, inferior, as sepulturas eram fossas escavadas na camada de terra vermelha cheias de areia branca de uma espessura entre 40 e 100 cm. Das 191 sepulturas encontradas nas duas campanhas de Saïdah, 115 estão no nível III e 75 delas no nível IV. Trata-se de inumações muito embora várias ânforas que compõem os mobiliários apresentem ossadas humanas calcinadas em seus interiores, evidenciando a prática concomitante da incineração. Verificou-se uma exceção: a tumba 121. É

uma tumba construída, com paredes de pedra *ramleh* (calcário local), cortadas grosseiramente, em quatro fiadas com altura entre 1,27 e 1,35 m, medindo 3 x 1,70 m. Verificou-se ser uma tumba coletiva, com um esqueleto deposto no centro, várias ossadas amontoadas no canto noroeste e várias ânforas usadas como recipientes cinerários.

O mobiliário funerário cerâmico da maioria das tumbas é bastante característico: tigelas, enócoas de bocal trilobado, *pilgrim flasks*, garrafas, anforiscos, ânforas ovóides, vasos zoomorfos.

A datação dos níveis III e IV foi possível de ser atribuída: o nível III, entre o fim do séc. IX e fim do séc. VIII a.C.; nível IV, entre o séc. X e fim do séc. IX a.C. (Saïdah 1966, 90). No período IV o rito de inumação em fossa predomina, enquanto no III, algumas cremações aparecem, depositas em ânforas ao lado de inumações que são a maioria.

Sidon

As duas mais importantes cidades-estados fenícias, Sidon e Tiro, localizam-se na Fenícia Meridional (Fig. 2), cuja planície costeira, embora estreita na altura de Sidon, tende a se alargar ao se aproximar de Tiro, se abre notavelmente na altura do sítio de Akko (Oggiano 2009, 32-33).

Sidon localiza-se num promontório habitado desde o IV Milênio a.C. No Bronze Recente foi um importante centro subordinado ao Egito e, como Tiro e quase toda a Fenícia Meridional, não sofreu destruição no fim do II Milênio, com as invasões dos Povos do Mar.

Sob o reinado de Ittobaal de Tiro, no início do séc. IX a.C., é reunida a Tiro formando um único reino. As fronteiras entre Tiro e Sidon se confundem assim por um certo tempo. Essa unificação dura cerca de um século e termina após a campanha de Senaqueribe⁹ em 701 a.C. (Sader 2000, 238). Após a

⁹ Os anais do rei Senaqueribe fornecem detalhes da extensão do território de Sidon. No Prisma de Senaqueribe, coluna 2, encontra-se referência à tomada de Sídôn, onde aparecem algumas das cidades fenícias sob domínio sidônio: “³⁷*In my third campaign, I went against the Hittite-land.*³⁸*Lulê, king of Sidon, the terrifying splendor*³⁹*of my sovereignty overcame him, and far off*⁴⁰*into the midst of the sea he fled. There he died.*⁴¹*Great Sidon, Little Sidon,*⁴²*Bit-Zitti, Zaribtu, Mahalliba,*⁴³*Ushu, Akzib, Akko,*⁴⁴*his strong, walled cities, where there were fodder and drink,*⁴⁵*for his garrisons, the terrors of the weapon of Assur,*⁴⁶*my lord, overpowered them and they bowed in submission at my feet.*⁴⁷*I seated Tuba’lu on the royal throne*⁴⁸*over them, and tribute, gifts for my majesty,*⁴⁹*I imposed upon him for all time, without ceasing.”* Adaptado por K. C. Hanson a partir de Luckenbill, Daniel David. *The Annals of Sennacherib*. Oriental Institute Publications 2. Chicago: Univ. of Chicago, 1924: 27-31.

partida de Senaqueribe, a fronteira entre Sidon e Tiro se reinstala no rio Litani (Fig. 1), em Qasmiyé. Sidon é destruída em 677 a.C. pelo rei assírio Esarhadon.

Tem papel de destaque no fenômeno colonial, junto com Tiro, a grande potência colonizadora.

Merece destaque a distinção entre a área urbana de Sidon, denominada nas fontes ‘Pequena Sidon’ ou ‘Sidon do Mar’, cujas atividades giravam em torno do porto com função comercial e militar (Oggiano 2009, 36), e a área periurbana e extraurbana, denominada ‘Sidon da planície’, com vilas, assentamentos agrícolas, infraestrutura (como canais de irrigação, por exemplo), necrópoles e santuários, em direta comparação com a estrutura da pólis grega com território, *ásty* e *khóra*.

As poucas informações disponíveis da Idade do Ferro provêm das amplas necrópoles ao redor de Sidon, aos pés das colinas próximas, Qrayé, Tambourit e Dakerman (Fig. 2), em boa parte inéditas, e das escavações da área urbana conduzidas pelo Museu Britânico.

A 6 km a Sudeste de Sidon encontrou-se numa gruta, parcialmente destruída por uma máquina escavadeira, ao lado da vila de Tambourit, numerosas incinerações. Do achado fortuito dessa tumba temos a descrição de cinco urnas cinerárias (Saïdah, 1977, p. 135). Uma das ânforas cinerárias contém uma inscrição em fenício sobre o ombro.

O mobiliário delas é escasso, composto de três pratos côncavos que serviam de tampa a três ânforas cinerárias, três bilhas de bocal circular, pança globular, com uma alça cada, com decoração em faixas vermelhas (em uma delas) ou em faixas vermelhas e negras (em duas delas), datadas do séc. IX a.C. Ida Oggiano (2009, 44) precisa as datações, entre 850 e 775 a.C.

A 1 km ao sul de Sidon localiza-se a necrópole fenícia Dakerman, com sepulturas datáveis de cerca de 600 a.C., de inumações em cista. De Qrayé pouco se sabe até que os relatórios definitivos sejam publicados.

Tell Burak e Sarepta são duas cidades fenícias satélites de Sidon.

Tell Burak junto ao mar, a 9 km ao sul de Sidon, foi ocupada desde o início do II Milênio. Apresenta vestígios arqueológicos do centro habitado com arquitetura doméstica entre o séc. VIII e o IV a.C.

Sarepta, ao sul, localiza-se no promontório de Ras el-Qantara, ao norte do vilarejo de Sarafand. Foram encontrados, em duas sondagens arqueológicas, vestígios de parte do centro habitado, da zona industrial e de um templo.¹⁰

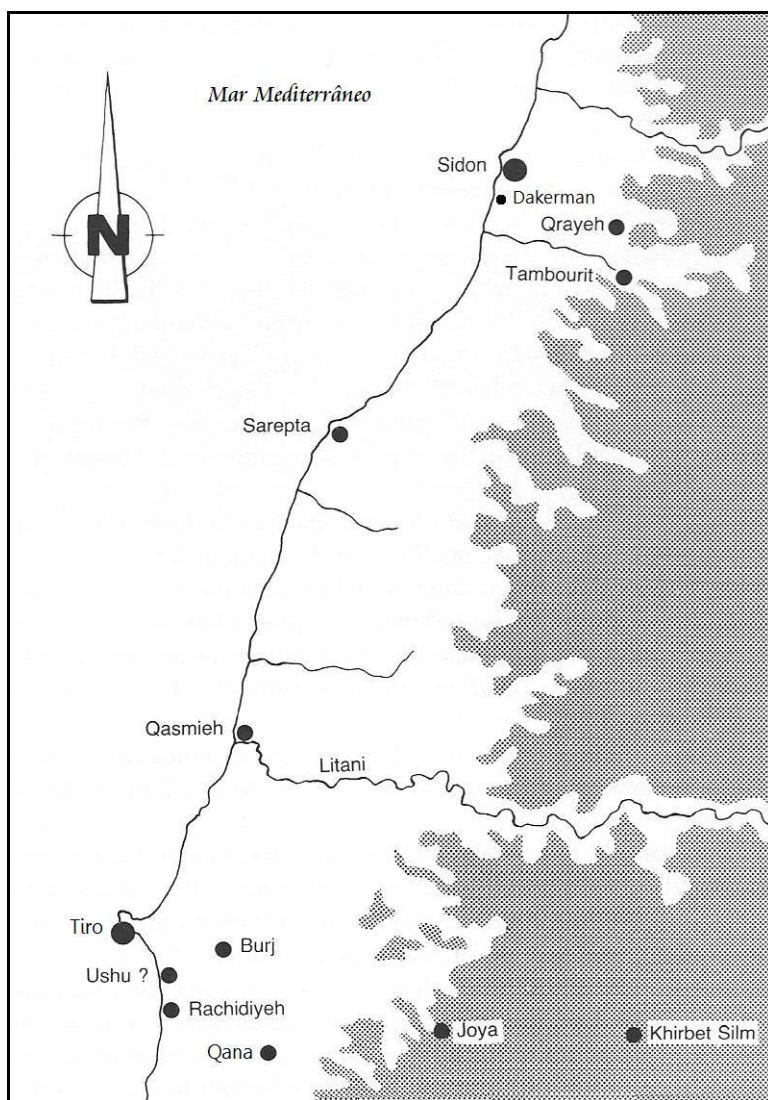


Fig.2 Fenícia meridional com indicação dos sítios de Sdon e Tiro e suas necrópoles

Referência: AUBET, M.E. *The Phoenicians and the West; Politics, Colonies and Trade*, fig. 11, p. 36.

Tiro

A mais conhecida cidade-estado fenícia, Tiro é também a mais meridional. Com uma área de no máximo 16 ha e a 2 km da costa, localizava-se numa ilha, uma genuína fortaleza, que abrigava o verdadeiro porto de Tiro,

¹⁰ Neste templo foi encontrada uma plaqueta de marfim com uma inscrição citando a deusa Tanit-Astarte. Trata-se da primeira referência a Tanit na Fenícia, comumente pensada como uma deusa púnica ocidental, e também da mais antiga, anterior mesmo a inscrições encontradas em Cartago. Ver Oggiano 2009, 50-51.

como em Arado. Seus dois portos, ao sul e ao norte da ilha, garantiam-lhe acesso ao mar em qualquer época do ano.

A antiga Sor, que significa *rocha*, foi unida à terra-firme na antiguidade por um tómbolo,¹¹ hoje com mais de 2 km de largura, vinculado historicamente ao assédio de Alexandre em 332 a.C.

Foi habitada desde o III Milênio e também não foi destruída no final do II Milênio, permanecendo um “vivaz centro comercial” (Oggiano 2009, 52).

É a principal cidade fenícia durante o período de independência (séc. XI-VIII a.C.), e é por sua iniciativa que se inicia a expansão marítima e comercial fenícia para o Mediterrâneo Ocidental. A expansão fenícia para o ocidente foi o trabalho de um reino composto por Tiro e Sidon. Ocasionalmente tem-se afirmado que a colonização poderia ter vindo de várias cidades da costa fenícia. Entretanto, o Velho Testamento é claro e categórico a esse respeito. A cidade comercial e marítima *par excellence* (Aubet 2001, 31) era Tiro e mesmo quando um estado de Tiro-Sidon existia, a iniciativa e a direção política e econômica estavam nas mãos de Tiro.

Entre os vestígios arqueológicos estão parte do assentamento (em Tiro) e a necrópole (na terra-firme defronte) de Al-Bass. As recentes escavações da necrópole fenícia de Tiro Al-Bass são as mais importantes descobertas da última década na Fenícia na área funerária (Sader 2004, 78).

Essas escavações, iniciadas em 1997 em Al-Bass pela equipe da arqueóloga espanhola María Eugenia Aubet, possibilitaram uma primeira olhada nos ritos de cremação praticados pela população fenícia da cidade durante os primeiros séculos do I Milênio a.C. As cremações eram colocadas em urnas depositadas em sepulturas em fossa rasas escavadas ao longo da costa arenosa. Essas urnas continham joias e amuletos e eram acompanhadas por um ou dois vasos unguentários. Uma série de pratos eram quebrados então sobre a deposição. Por fim, grandes lápides eram erigidas junto a sepulturas individuais ou grupos de enterramentos. A extensa necrópole extramuros de Tiro com cremações esteve em uso do séc. IX ao VI a.C. e apresenta uma particularidade: trata-se apenas de adultos na grande maioria homens.

¹¹ A acumulação de areia constitui um tómbolo, formação arenosa que cresce do continente para a ilha, induzida pelos movimentos das ondas.

Parte do assentamento de Tiro se desenvolveu em terra-firme: Ushu segundo as fontes egípcias e assírias, Paleatiro (*PalaiTyros*) segundo as fontes clássicas, e segundo Ida Oggiano (2009, 52) em correspondência às modernas Rachidiyé – Ras el ‘Ain (Fig. 2).

A cerca de 5 km ao sul do dique de Alexandre, o Grande, em Tiro localiza-se o *tell* de Rachidiyé (Fig. 2) no continente. O local pode ser associado à cidade de Paleatiro, a contraparte continental da ilha de Tiro, mas ainda não há consenso entre os especialistas. Devido à sua localização bem ao sul do Líbano, e hoje junto a um campo de refugiados instalado a pouca distância do tell, as escavações no local são difíceis quando não perigosas, acarretando em informações parciais resultantes de escavações rápidas e fortuitas. O tell propriamente dito não foi ainda escavado, e presume-se que a necrópole localiza-se nos sopés do tell, devido aos achados de tumbas nos lados leste e noroeste do mesmo.

Os primeiros achados, datados de 1903 (Macridy-Bey 1904, 564-572), fazem referência a sepulturas escavadas na rocha, sendo quatro fossas de 2 x 1,30 m em média, com cerca de 1,05 m de profundidade; e também, ao sul desse grupo, outras três tumbas, estas em poço com câmara com um ou dois degraus, as câmaras de forma irregular, com profundidades entre 1,50 e 1,80 m. As câmaras eram fechadas por lajes e estavam intactas. Uma delas apresentava duas inumações e as três apresentavam ânforas cerâmicas contendo ossos e cinzas, além de mobiliário funerário.

No início da década de 1970, M. Chéhab escavou duas tumbas repletas de vasos cinerários datados do séc. IX ao VII a.C. Em 1974 outras foram descobertas e os arqueólogos Kawakabani e H. Chéhab escavaram mais cinco tumbas em poço com uma ou duas câmaras, apresentando diversos vasos globulares e ovóides frequentemente cheios de ossos calcinados. O mobiliário consistia de joias, escaravelhos, algumas espadas e diversos vasos como enócoas de bocal trilobado, garrafas de panças ovóides ou piriformes entre outras formas. O conjunto dessas tumbas remonta ao séc. VIII a.C. (Chéhab 1983, 170). Nenhum dos estudos do início da década de 1970 pode ter continuidade devido aos fatores relacionados às tensões políticas na região. M. E. Aubet nos informa do achado em 1975 da necrópole de Tell er-Rachidiyeh (provavelmente contígua à área onde as sepulturas de 1974 foram encontradas). Ela continua afirmando

que se trata tanto de inumações como de cremações, embora as últimas predominassem durante o séc. VIII a.C. Predominam também os grandes hipogeus coletivos escavados na rocha e, entre eles, destaca-se o de n. IV, contendo 23 ânforas bicromáticas, vestígios de cremações e um considerável número de jaras, pratos, escaravelhos, do séc. IX ao VIII a.C. (Aubet 2001, 42-43). Era uma cavidade subterrânea à qual se chegava por um poço estreito e profundo cerca de um metro, provido de um degrau; não é registrada a presença de ossadas humanas (inumações), apenas ânforas, muitas delas cinerárias (Salles 1994, 57). As sepulturas no geral consistem de um poço quadrangular ou circular em seção, escavado na rocha e acessado por um ou dois degraus. O poço termina em uma ou duas cavidades, onde as urnas cinerárias e o mobiliário eram depositos (Aubet 2001, 43).

Outras necrópoles foram encontradas no território de Tiro: Khirbet Silm, Joya e Qana (Fig. 2). Localizadas a cerca de 12-20 km da cidade, serviam provavelmente a assentamentos menores no território de Tiro, não tendo sido publicadas ainda.

Alguns achados fortuitos e escavações de salvamento permitiram identificar uma série de sítios que atestam a ocupação do interior na Idade do Ferro, sobretudo ao longo das rotas de comunicação com o Vale do Beqaa e com o norte da Palestina (Sader 2000, 240). Em alguns deles foram encontradas tumbas da Idade do Ferro, como é o caso de Khirbet Silm.

Três importantes sítios arqueológicos situados ao sul de Tiro no território do moderno Israel devem ser destacados: Achziv, Tell Abu Hawam e Tell Keisan (Fig. 1).

Achziv é mencionada no Velho Testamento e está situada na Baía de Akko. Três necrópoles da Idade do Ferro foram encontradas em seus arredores. As mais antigas datam do séc. XI a.C. e consistem de inumações. A necrópole sul, do séc. IX ao VIII a.C., é composta de duas áreas de deposições bem definidas, uma com grandes câmaras hipogéicas contendo enterramentos coletivos, a outra, contendo exclusivamente cremações em urnas depositas em buracos abertos no solo, produziu muitos vestígios fenícios. Aubet (2001, 68) deduziu que em Achziv coabitavam duas comunidades, a israelita, “que sempre rejeitou a cremação do corpo ou a inumação individual”, e a fenícia, “que cremava seus mortos de acordo com a tradição funerária tíria”. As datas

também coincidem com o momento de expansão de Tiro e domínio do território até o Monte Carmelo.

O relato bíblico nos ajuda a fixar os limites meridionais do território de Tiro. No Antigo Testamento (Reis I, 9), Salomão dá a Hiram, rei de Tiro, após a edificação do templo de Jerusalém, 20 cidades no país da Galileia, estendendo o território tírio até o Monte Carmelo. Uma parte da riqueza agrícola dessa região serviria principalmente para garantir o abastecimento de óleo e de cereais.

Tell Keisan entrou na órbita cultural de Tiro durante a Idade do Ferro, tornando-se um centro de produção e coleta de produtos agrícolas (óleo de oliva e vinho) e granário de Akko (Briend e Humbert 1980).

Tell Abu Hawam, por fim, hoje Haifa, foi um assentamento análogo a Achziv (Oggiano 2009, 64-67). Também situado na Baía de Akko, foi um enclave estratégico no desenvolvimento territorial de Tiro na região, dominando a via de penetração para o interior da Galileia.

Como afirma Botto (1990, 87), a data de 662 a.C. marca o fim do todo e qualquer controle de Tiro sobre seu território do continente, transformado em província assíria. No período de unificação com Sidon, o território do reino de Ittobaal compreendia mais da metade da costa fenícia, apesar das diversas barreiras naturais.

Considerações finais

Podemos perceber que as cidades fenícias souberam explorar ao máximo as potencialidades de seu território: as florestas do Líbano foram utilizadas para extração de madeira de cedro por todas as cidades-estados, os recursos marinhos também eram aproveitados, tanto para a pesca quanto para a produção da púrpura, tintura obtida a partir da concha do *murex*. As atividades portuárias eram realizadas preponderantemente pelo porto da cidade-estado (Sader 2000, 245), localizado estrategicamente junto a sua cidadela numa ilha, península ou promontório. Percebe-se uma estratificação funcional entre as cidades e vilas secundárias: as da costa desempenhando também funções de defesa, como pode ser inferido a partir de suas estruturas amuralhadas e de sua localização a intervalos regulares junto ao litoral; e as mais para o interior desempenhando papéis ligados à produção, armazenamento e distribuição de produtos agrícolas e extrativistas, além de garantir acesso a vias de circulação

importantes com regiões externas como a Síria e a Palestina. Diversas necrópoles serviam à cidade-estado e aos centros urbanos próximos. É possível que pelo menos algumas delas fossem destinadas a determinados grupos sociais, como pode ser interpretado a partir das evidências da necrópole de Tiro Al-Bass, preponderantemente de homens adultos.

Na medida em que importantes e recentes escavações arqueológicas vão sendo publicadas integralmente, mais abrangentes inferências sobre a organização e configuração dos territórios e sobre as características sociais das cidades fenícias da Idade do Ferro poderão ser feitas, aumentando nossos conhecimentos sobre essa civilização que desempenhou um papel tão importante e tão sistematicamente minimizado na formação da Civilização Ocidental.

Bibliografia

- ANDERSON, W.P. *Sarepta I. The Late Bronze and Iron Age Strata of Area II*, Y. Beirut: s/ed. 1988.
- AUBET, M.E. *The Phoenicians and the West; Politics, Colonies and Trade*. 2ª ed., Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- AUBET, M.E. (ed.) *The Phoenician Cemetery of Tire-Al Bass: Excavations 1997-1999. BAAL Hors-série* Beyrouth, 1, 2004.
- AUBET, M.E.; NUÑEZ, F.J.; TRELLISÓ, L. La Necrópolis fenicia de Tiro - El Bass en el contexto funerario fenicio oriental. *Actas del III Congreso Español de Antiguo Oriente Próximo (Huelva, 30 septiembre - 3 octubre 2003)*. *Huelva Arqueológica*, 20, Huelva: Servicio de Publicaciones de la Diputación de Huelva, 2004, p. 41-63.
- BELMONTE AVILÉS, J.A. *Cuatro estudios sobre los dominios territoriales de las ciudades-estado fenicias*. *Cuadernos de Arqueología Mediterránea*, n. 9, 2003.
- BIKAI, P. *The Pottery of Tyre*. Warminster: s/ ed. 1978.
- BONDÌ, S.F. *et alii. Fenici e Cartaginesi. Una civiltà mediterranea*. Roma: Libreria dello Stato/Istituto Poligrafo e Zecca dello Stato, 2009.
- BOTTO, M. *Studi Storici sulla Fenicia*. L'VIII e il VII Secolo a.C. , Pisa: Università degli Studi di Pisa. 1990.
- BRIEND, J.; HUMBERT, J.B. *Tell Keisan, 1971-1976: une cité phénicienne en Galilée*. Fribourg, Éditions universitaires, Göttingen, Vandenhoeck et Ruprecht, Paris, J. Gabalda, 1980.
- CIASCA, A. Fenicia. In MOSCATI, S. (dir.) *I Fenici*. Milano: Bompiani, 1997, p. 168-184.
- CHÉHAB, M. Découvertes Phéniciennes au Liban, in *Atti del I Congresso Internazionale di Studi Fenici e Punici*. Roma, 5-10 Novembre 1979. Roma: Consiglio Nazionale delle Ricerche, vol. 1, 1983, p. 165-172.
- DAYAGY-MENDELS, M. *The Akhziv Cemeteries. The Ben-Dor Excavations, 1941-1944*. Jerusalem: s/ ed., 2002.
- FINKBEINER, U.; SADER, H. The Tell-el-Burak Archaeological Project. A Preliminary Report on the 2001 Season. *BAAL*, 5, 2001, 173-194.
- JOHNS, C.N. Excavations at Pilgrims' Castle, 'Atlit (1933): Cremated Burials of Phoenician Origin. *The Quarterly of the Department of Antiquities in Palestine*, 6, 1938, 121-152.
- KAMLAH, J.; SADER, H. The Tell-el-Burak Archaeological Project. Preliminary Report on the 2002 and 2003 Seasons. *BAAL*, 7, 2003, 145-173.
- KHALIFÉ, I.A. *Sarepta II. The Late Bronze and Iron Age Periods of Area II*, X. Beirut: s/ ed., 1988.
- MACRIDY-BEY, T. A travers les nécropoles sidoniennes. *Revue Biblique*, 1904, p. 564-572.

MARKOE, G.E. *Phoenicians*. London: British Museum Press (C. Peoples of the Past), 2000.

MAZAR, E. *The phoenicians in Achziv. The southern cemetery. Final report of the excavations 1988-1990. Cuadernos de Arqueología Mediterránea*, n. 7, 2001.

MAZAR, E. *The Phoenician Family Tomb n.1 at the Northern Cemetery of Achziv (10th-6th centuries BCE) Sam Turner Expedition. Final Report of the Excavations. Cuadernos de Arqueología Mediterránea*, n. 10, 2004.

MOSCATI, S. (dir.) *I Fenici*. Milano: Bompiani, 1997.

OGGIANO, I. La costa levantina. Distribuzione dei siti e modelli di insediamento. In BONDÌ, S.F. et alii. *Fenici e Cartaginesi. Una civiltà mediterranea*. Roma: Libreria dello Stato/Istituto Poligrafo e Zecca dello Stato, 2009, p. 12-67.

PRITCHARD, J.B. Sarepta and Phoenician culture in the West, in *Atti del I Congresso Internazionale di Studi Fenici e Punici*. Roma, 5-10 Novembre 1979. Roma: Consiglio Nazionale delle Ricerche, vol. 2, 1983, p. 521-525.

SADER, H. Nécropoles et tombes phéniciennes du Liban. *Cuadernos de Arqueología Mediterránea*, 1, 1995, p. 15-30.

SADER, H. Le territoire des villes phéniciennes: reliefs accidentés, modèles unifiés. In GONZÁLEZ PRATS, A. (ed.). *Fenicios y Territorio. Actas del II Seminario Internacional sobre Temas Fenicios, Guardamar del Segura, 9-11 de abril de 1999*. Alicante, 2000, p. 227-262.

SADER, H. Panorama du monde funéraire dans l'Orient phénicien. In GONZÁLEZ PRATS, A. (ed.). *El Mundo Funerario. Actas del III Seminario Internacional sobre Temas Fenicios, Guardamar del Segura, 3 a 5 de mayo de 2002*. Alicante, 2004, p.77-91.

SADER, H. L'Archéologie phénicienne en Orient: quel avenir? In VITA, J.P.; ZAMORA, J.Á. (eds.). *Nuevas Perspectivas I: La Investigación Fenicia y Púnica. Cuadernos de Arqueología Mediterránea*, 13, 2006, p. 27-33.

SAÏDAH, R. Fouilles de Khaldé. Rapport préliminaire sur la première et deuxième campagnes (1961-62). *Bulletin du Musée de Beyrouth*, 19, 1966, p.51-90.

SAÏDAH, R. Une tombe de l'Age de Fer à Tambourit (Région de Sidon). *Berytus*, 25, 1977, p. 135-146.

SALLES, J.-F. La Mort à Biblos: les Nécropoles, in ACQUARO, E. et alii (org.) - *Biblo: una città e la sua cultura*. Atti del Colloquio Internazionale (Roma, 5-7 Dicembre 1990). Roma: Istituto per la Civiltà Fenicia e Punica/Consiglio Nazionale delle Ricerche, 1994, p. 49-71 (Coll. di Studi Fenici, 34).

THALMANN, J.-P. Les Niveaux de l'Âge du Bronze et de l'Âge du Fer à Tell'Arqa (Liban), in *Atti del I Congresso Internazionale di Studi Fenici e Punici*. Roma, 5-10 Novembre 1979. Roma: Consiglio Nazionale delle Ricerche, vol. 1, 1983, p. 217-221.